ÂNGELO AGOSTINI E OS SALÕES CARICATURAIS PUBLICADOS NA *REVISTA ILUSTRADA* (1876-1898)

Benedita de Cássia Lima Sant'Anna[1]

RESUMO: O italiano Ângelo Agostini, posteriormente naturalizado Brasileiro, chega ao Brasil em 1859 e aqui firma carreira como um dos nossos primeiros cartunistas e também se torna o mais importante artista gráfico do Segundo Reinado (1840-1889). Em São Paulo lança os periódicos *Diabo Coxo* (1864-1865) e *Cabrião* (1866-1867); no Rio de Janeiro publica *Nhô-Quim*, *ou Impressões de uma Viagem à Corte* (1869), considerada a primeira história em quadrinhos brasileira e uma das mais antigas do mundo, a qual foi impressa na revista *Vida Fluminense* (1868-1875), publicação em que sairia o primeiro Salão de Caricatura elaborado pelo artista ítalo-brasileiro. Os demais Salões Caricaturais criados por Agostini foram publicados na *Revista Ilustrada*, lançada por ele em janeiro de 1876. Nosso objetivo, neste texto, é refletir acerca de tais salões, particularmente, os impressos nesta última, procurando demonstrar ao leitor atual a proposta crítica de Ângelo Agostini, bem como apresentar artistas e obras, que se destacaram nas exposições realizadas no Brasil durante a segunda metade do século XIX.

PALAVRAS-CHAVE: Ângelo Agostini. Salões Caricaturais. *Revista Ilustrada*.

Em 1859, com dezesseis anos de idade, chega ao Brasil, acompanhado de sua mãe, a cantora lírica Raquel Agostini, o italiano, posteriormente naturalizado brasileiro (1888), Ângelo Agostini, que se instala em São Paulo. Nessa cidade, o jovem artista inicia seus trabalhos com o desenho, lança o *Diabo Coxo* (1864-1865): primeiro periódico ilustrado publicado naquela província, e o *Cabrião* (1866-1867), periódico cuja sede chegou a ser depredada devido às constantes manifestações de Agostini contra o clero, bem como contra as elites escravocratas paulistas.

A hostilidade sofrida pela folha e, consequentemente, por Ângelo Agostini em São Paulo influenciou sua ida para o Rio de Janeiro, onde o italiano fixou residência e prosseguiu incentivando, bem como defendendo, a causa abolicionista, por meio de caricaturas e textos de sua autoria publicados no *Mosquito*, na *Vida Fluminense* e na *Revista Ilustrada*.

O primeiro "salão de caricatura" elaborado por ele foi impresso na revista *Vida Fluminense*, no ano de 1872, e preenche duas páginas centrais da publicação. Posteriormente, o caricaturista elaborou um segundo "salão" publicado também no periódico *O Mosquito*, o

[1] Pós-doutoranda em Letras da Universidade Federal do Paraná – UFPR, bolsista CAPES.

qual engloba dezoito artistas, entre os quarenta e oito que expuseram trabalhos na vigésima terceira Exposição Geral de Belas-Artes realizada no Rio de Janeiro.

A elaboração de salões caricaturais, ou seja, a reprodução de diversas obras do mesmo artista e/ou de artistas diferentes, com notas explicativas e comentários apreciativos em uma mesma gravura, de modo a reproduzir quase que uma exposição interna da folha em que se insere, era uma prática comum na Europa, mas no Brasil foi empregada pela primeira vez pelo caricaturista italiano.

Ao utilizar-se de tal prática, Agostini orienta o leitor a respeito da obra exposta, transmitindo informações referentes ao método nela empregado. Suas observações, ainda que breves, procuram elogiar e/ou satirizar a estética da obra. Em síntese, os salões caricaturais de Ângelo Agostini funcionam como um novo espaço de exposição, num ambiente em que existiam pouquíssimos espaços e oportunidades para isso.

Na *Revista Ilustrada*, Ângelo Agostini fez um primeiro ensaio de salão caricatural na edição de número 10, publicada em 4 de março de 1876, nas páginas 4 e 5, expondo, a título de homenagens póstumas a Luiz Borgomainerio,[2] alguns trabalhos do artista, escolhidos e classificados por Agostini como os mais primorosos desenhos executados pelo homenageado. Nele, aparece apenas a montagem dos desenhos soltos, um sobre e entre o outro, sem comentário de Agostini, revelando que o intuito do caricaturista era, de fato, relembrar e revelar ao público da folha o mérito presente no trabalho do colega.

[2] Caricaturista italiano que se transferiu para o Rio de Janeiro juntamente com Bordalo Pinheiro. Na capital do Império, colabora com a revista *Vida Fluminense*, vindo a falecer vítima de febre amarela em 3 de março de 1876, praticamente um ano e meio após ter fixado residência naquela cidade, sendo considerado, assim como Bordalo e Ângelo Agostini, um dos grandes mestres da caricatura na época.



Figura 1: "A Luiz Borgomainerio: homenagem da *Revista Ilustrada* ", v.. I, nº 10, 1876.

Os salões caricaturais, seguindo um modelo mais completo de composição, só seriam elaborados pelo caricaturista para publicação na *Revista Ilustrada* a partir da exposição de 1879, considerada um marco significativo para os debates relacionados às artes no Brasil. Dela participaram 117 artistas, dos quais 54 tiveram obras citadas por Agostini. Entre estes, artistas que compunham a denominada escola brasileira de arte: Agostinho José da Mota, Félix Émile Taunay, Manuel de Araújo Porto-Alegre, Victor Meirelles etc.



Figura 2: Salão caricatural da exposição de Belas Artes de 1879 - 1ª parte. *Revista Ilustrada*, v. IV, nº 155, p. 8.

Agostinho publicou a primeira parte do salão na última página do número 155 (editado em 22 de março de 1879), introduzida pelo desenho e pela fala ficcional dos mariolas, espécie de garotos de recado criados por Ângelo Agostini para exercerem ficcionalmente a tarefa de repórteres da *Revista Ilustrada* junto ao povo, ou mesmo de porta-vozes da folha junto aos órgãos e personalidades ligadas ao governo: "Fomos à exposição e notamos com prazer que ela é muito concorrida. Até vimos lá o Sr. Bernardo com a sua respeitável família. E dizem que este povo não gosta das belas-artes... Verdade é que a entrada é gratuita." (AGOSTINI, 1879.)

Nessa parte, o caricaturista faz menção a 17 trabalhos, sendo 5 telas, 1 Cálice de Nossa Senhora de Lourdes, 1 medalha, 6 bustos e 4 estátuas. A última, intitulada "A miséria e o genro" ou "A seca do Ceará arrastando duas pernas colossais", é considerada pelo caricaturista "fantástica" e "estrambólica", pois, segundo suas palavras, revelam que o escultor não tinha o que fazer.

Ao fim da página surge novamente a família do Sr. Bernardo, que já havia aparecido na ilustração introdutória, a se apertar porta afora, fugindo da exposição: "Vamos embora, vamos embora, aqui não há nada que preste" (AGOSTINI, 1879).

No número seguinte da folha (nº 156), editado em 5 de abril de 1879, Ângelo Agostini continua sua exposição nas páginas 4 e 5. Dessa vez faz menção apenas a telas. São no total 23 trabalhos caricaturados por ele em uma única página (p. 5) e outro reproduzido na página inteira (p. 4); trata-se do quadro intitulado "O primeiro martírio de S. Sebastião", de Rodolfo Bernardelli, então pensionista da Academia em Roma.

Na edição de 16 de abril de 1879, número 157, também nas páginas 4 e 5, o caricaturista dá continuidade a seu salão de caricaturas, agora intitulado de "Continuação do Salão Fluminense – Escola Brasileira". Entre os trabalhos, encontram-se 20 caricaturas que reproduzem telas presentes na exposição de 1879, além de uma litografia que, segundo Agostini, pertence ao "Sr. Augusto Off, vencedor de todos os Pinhos e Vales cá da terra"; um "Estudo de parasitas da natureza", realizado pela Srª. Camélia T.; e o desenho intitulado "Flores e Aquarela", de Guilhermina T. – os dois últimos, na opinião de Ângelo Agostini, denotando manifestações de apurado bom gosto.

Além disso, encontra-se na página 5 a caricatura de um mapa em relevo da Baía do Rio de Janeiro, trabalho de Leen Depres & C., o qual Ângelo Agostini explica de forma ficcional e depreciativa como foi realizado: "Para ter uma idéia deste mapa damos as seguintes explicações sobre o modo de execução. Arranja-se uma vaca depois desta ter tomado uma boa dose de sal. Não precisa mais nada, o mapa está pronto" (*Revista Ilustrada*, 1879, nº 157: p. 5).

Do mesmo Depres, o crítico expõe a caricatura do projeto de uma estátua denominada "O Gigante do Brasil" a ser edificada sobre o Pão de Açúcar, com o objetivo de lembrar aos vindouros "a fundação do Império do Brasil", projeto também considerado completamente descabido.

No final da página 5, alinhada do lado direito, Agostini mostra a caricatura de quatro plantas internas de sala, ou seja, quatro projetos de decoração para salas apresentados na exposição de 1879 como sendo de autoria do Sr. Caminhoá. Tais projetos são considerados pelo crítico "muito bem pintadinhos"; entretanto, ele dúvida que tenham sido realmente realizados pelo Sr. Caminhoá.

Nas páginas centrais do número 158, editado em 25 de abril daquele ano, o crítico conclui suas caricaturas referentes a trabalhos que integraram a exposição citada. Na página 4, por exemplo, publica caricaturas de 20 quadros e menciona tratar-se da continuação e do fim da escola brasileira, de modo a sugerir que a escola significava o fim da arte no país. Nesse

sentido, lê-se após a caricatura do quadro intitulado "Elevação da primeira cruz no Brasil" a seguinte nota:

> "Elevação da primeira Cruz no Brasil", quadro que tem ares de família com a Primeira missa, pelo Sr. Pedro Peres é o mais que se pode esperar de um discípulo do Sr. Victor Meirelles. Muito poderá lucrar o Sr. Peres se fugir da escola brasileira e de seus mestres que a respeito de desenho... (*Revista Ilustrada*, 1879, nº 158: p. 4.)

Nota-se que o caricaturista não mostrava nenhum apreço pelos mestres da Academia de Belas-Artes e que desacreditava o talento de tais mestres. Exemplo disso também é encontrado na caricatura de folha inteira impressa na página 5, "oferecida ao eminente pintor Victor Meireles de Lima". Por meio dela, bem como da nota posteriormente a ela inserida, Ângelo Agostini sugere imperfeições no quadro "A Batalha do Avaí", pintura a óleo de Pedro Américo de Figueiredo e Melo (1843-1905) sobre os últimos episódios da guerra do Paraguai, ocorridos em 11 de dezembro de 1868, ao mesmo tempo que lembra, ainda que implicitamente, que o trabalho de Victor Meirelles também não lhe agradava.

> Não lhe parece, disse-me um dia o Victor Meirelles, que os soldados da batalha de Avaí querem saltar da tela e dirigir os seus golpes sobre o meu quadro? É verdade: respondo-lhe, e nem mesmo assim os combatentes dos Guararapes deixam de ter aquela calma, aquele sangue frio... e indiferentismos. – Muito bem! é isso mesmo: não acha que isso daria uma boa caricatura? – Certamente, meu caro Victor. (*Revista Ilustrada*, 1879, nº 158: p. 5.)

O quadro de Pedro Américo voltaria a ser tema de crônicas e caricaturas impressas na *Revista*, nas quais Ângelo Agostini e colaboradores da folha, como o cronista Dantas Júnior, procuram instigar o leitor a formar um juízo crítico sobre ele.

> Agora o que se torna um luxosão os elogios que os ministros querem ler no grande órgão [*Jornal do Comércio*] e que nos vão custar cinquenta contos, como pede o ministro da fazenda... Tanto como a *Batalha de Avaí*, de Pedro Américo & C. Verdade é que vale mais ainda aquele primor de desenho e expressão, ao qual eu não retiro um só dos elogios de minha crônica passada. Resta, porém, resolver uma questão a propósito da *Batalha de Avaí* que é: Se Pedro Américo recebeu cinquenta contos pelo seu quadro, quanto dará o governo aos colaboradores de Pedro Américo? Bem sei que o recibo foi assinado por conta, mas cumpre decidir quem tem direito ao resto de maior quantia: se Pedro Américo? se Gustavo Doré? (DANTAS JUNIOR, 1879)

Embora tenha sugerido anteriormente na *Revista Ilustrada*, por intermédio de caricaturas, crônicas e notas, que o quadro "A Batalha do Avaí" não era tão bom como se comentava, nesta última citação, a opinião do caricaturista ítalo-brasileiro é reforçada pelo

texto irônico de seu companheiro de redação José Ribeiro Dantas Junior, que sob o pseudônimo de A Gil, além de questionar os méritos estéticos, o valor artístico e o custo financeiro do quadro para o "cofre público", sugere ao leitor da folha que a tela de Pedro Américo foi realizada graças aos esforços e talento de outros pintores. Com isso, acaba por reforçar os questionamentos que Ângelo Agostini faz sobre as obras do pintor, presentes na exposição de 1879.

Feitas as apreciações sobre trabalhos apresentados ao público na exposição de 1879, Ângelo Agostini voltaria a ilustrar seus salões caricaturais na folha durante o ano de 1884 em decorrência da Exposição Geral das Belas-Artes então realizada. Participaram da exposição 85 artistas, dos quais 40 tiveram trabalhos comentados pelo caricaturista em seis salões caricaturais publicados na *Revista Ilustrada*.

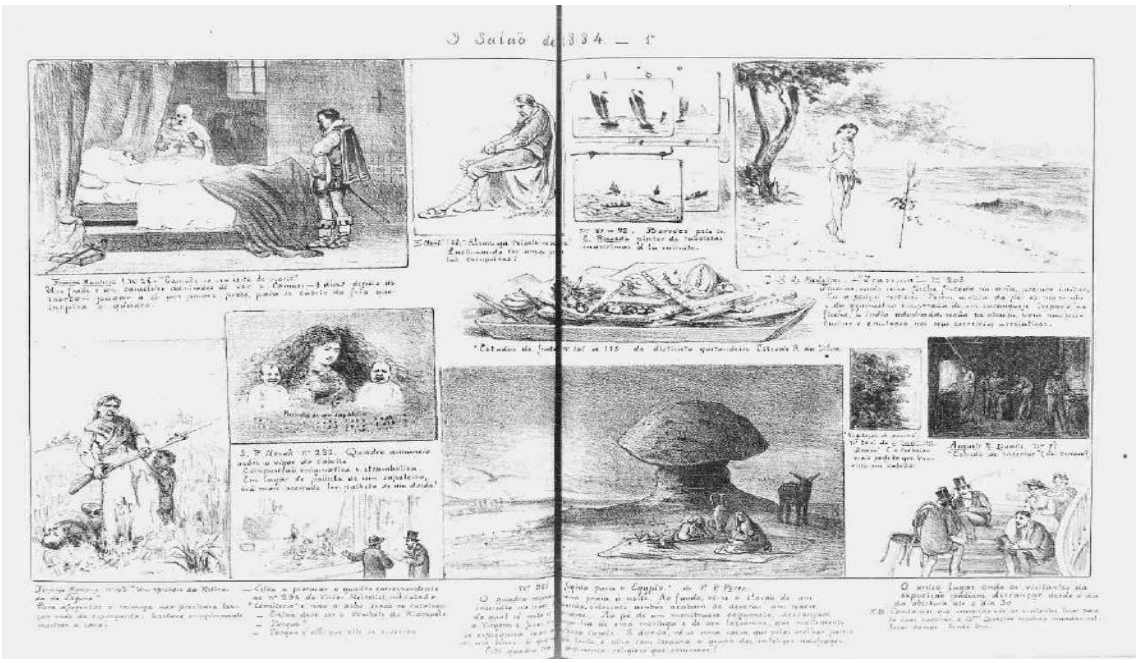

Figura 3: Salão caricatural da exposição de Belas Artes de 1884 - 1ª parte. *Revista Ilustrada*, v. IX , nº 389, p. 8.

O primeiro salão referente à exposição citada foi publicado na edição de 31 de agosto de 1884. Nele, Agostini realizou a caricatura com menção dos trabalhos que na exposição receberam numeração 26, 28, 43, 71, 87 a 92, 101 a 115, 205, 244, 261, 282 e 294. Tais trabalhos compõem-se basicamente por telas, excetuando apenas o estudo de frutas (nº 101 a 115) "do distinto quitandeiro Estevão R. da Silva".

A exposição, muito frequentada, conforme explicita Ângelo Agostini em desenho e nota impressa nesse salão de caricaturas (parte final do lado direito da página), teve o segundo

salão publicado no número seguinte (390), editado em 18 de setembro daquele ano. Neste, apresenta a caricatura de 24 telas, cinco delas de quadros do pintor Pedro Américo da Figueiredo e Melo (n°s 253, 254, 257, 259 e 260), que são execrados pelo caricaturista, como o quadro de número 254, intitulado "A Noite": "'A Noite, acompanhada dos gênios do Estudo e do Amor', deitando clara de ovos batidos no espaço! Bonito pensamento (se é dele [de Pedro Américo]), mas quanto à execução... detestável... que desastre!"; ou apreciadas com palavras eufêmicas, como o quadro de número 260, que, segundo Agostini, foi "Muito bem pintadinho".

Francisco Aurélio de Figueiredo e Melo, irmão de Pedro Américo, também tem telas apresentadas na exposição, caricaturadas por Agostini nesse salão. É dele o quadro de número 123, "Ceci no banho", baseado no romance de Alencar, e o de número 124, intitulado "Contemplativa"; de acordo com o caricaturista, o que no quadro "se contempla é um monstruoso disparate verde, azul e cor de rosa! Que horror!" (1884, nº 390: p. 4).

Além da menção a quadros dos dois irmãos, o segundo salão caricatural de Ângelo Agostini, impresso no ano citado, expôs tela de Antônio Firmino Monteiro (quadro nº 44), de Augusto Burgaim (quadro nº 52), de Belmiro B. de Almeida (quadro nº 74), de G. Frate (quadros n°s 157 e 158), de Leopoldino J. de Faria (quadro nº 214), de Pedro Peres (quadro nº 262 e retrato nº 267), de Rodolfo Amoedo (quadro nº 272), entre outros.



Figura 4: Salão caricatural da exposição de Belas Artes de 1884- 3ª parte. *Revista Ilustrada*, v. IX , nº 391, p.4-5.

O terceiro salão caricatural de Ângelo Agostini referente à exposição de belas-artes realizada em 1884 também expôs caricaturas de telas de Pedro Américo (quadros n°s 250, 251 e 252) e de seu irmão Francisco (quadros n°s 122, 128 e 124 a 144), bem como de tela do pintor Victor Meirelles de Lima (quadro nº 291), de José Ferraz de Almeida (quadro nº 198), de Augusto Rodrigo Duarte (quadros n°s 60, 68 e 69), de Thomas Driendl (quadro nº 289) etc. Este último foi elogiado pelo caricaturista: "Thomas Driendl, nº 289. 'Cenas da Baviera'. Diante deste quadro tiramos o chapéu. A sua execução é magistral." Já telas de Pedro Américo voltam a ser ridicularizadas por Ângelo Agostini, conforme se observa na nota inserida após o quadro de nº 250:

> Pedro Américo, nº 250. "O velho David aquecido pela jovem Abisag". Isto de pôr-se nu para aquecer é um tanto... fresco. O velho pândego não parece estar esquentado, mas, sim, indignado, ao ver o indiferentismo da jovem mulatinha, que olha para o teto, com uns olhos que nunca mais se acabam! Em falta de cacete, o velho dispõe-se a pegar na lira para quebrar a cabeça da Abisag. É este o efeito que produz o quadro. (AGOSTINI, 1884)

O mesmo ocorre no quarto salão caricatural referente à exposição mencionada: Publicado na edição de número 392, que saiu em 11 de outubro daquele ano, o quarto salão de Ângelo Agostini faz menção a três telas de Pedro Américo. Quanto à de número 255, o caricaturista diz:

> "Joana D'Arc ouve uma voz que lhe prediz, o seu fatal destino": Terás olhos que não caberão na tua cabeça e será pintada pelo Doutor, comendador, pintor, professor Pedro Américo de Figueiredo e Melo... Joana aterrada é com os olhos a saltarem da cabeça cai ajoelhada (sic). É o momento escolhido pelo artista. (AGOSTINI, 1884)

Em relação à de número 256, o caricaturista satiriza a representação que Pedro Américo faz do Infante D. João IV, descansando no trono depois de muito brincar com uma bola, exercício que, do ponto de vista do crítico observador da tela, mostrava a particularidade que fazia "corar o jovem príncipe, tanto na face como nas pernas que ficavam cor de camarão cozido".

A tela de número 258, intitulada "Menina em costume de 1600, na Espanha", é um dos poucos trabalhos de Pedro Américo elogiados pelo caricaturista: "Este assunto, dedicado provavelmente às costureiras, está muito bem tratado. É um dos melhores quadros do Sr. Pedro Américo" (*Revista Ilustrada*, 1884, nº 392, p. 4).

O quarto salão caricatural elaborado por Ângelo Agostini e publicado na *Revista Ilustrada* durante no ano de 1884 elogia igualmente o retrato exposto sobre o número 57, pintado por Augusto Petit, que em sua opinião vinha fazendo um bom programa (trabalho); o quadro "O descanso da modelo", de José Ferraz de Almeida, apresentado na exposição sob o número 197, é considerado por Ângelo Agostini como "um primorsinho que obriga-nos a juntar nossas palmas às do pintor para aplaudir o Sr. Almeida Júnior; e o desenho intitulado "Família de Faunos", de Lopes Rodrigues, espécie de cópia a lápis de um baixo relevo, cujo efeito de claro e escuro nele presente foi, de acordo com as observações do caricaturista, "primorosamente bem acabado".

Além disso, o crítico incentiva, mesmo que com ironia, o pintor F. C. P. de Carvalho a continuar produzindo: "F. C. P. Carvalho: 143. 'Manhã de Agosto'. Pelo título, vê-se que ainda é cedo... para louvar o autor. Continue, e se pintar uma 'tarde' nunca será tarde para louvá-lo." (AGOSTINI, 1884).

De modo semelhante, o caricaturista se posiciona em relação a Rodolfo Amoedo, cujo quadro "Estudos do natural", apresentado ao público da exposição sob o número 277, mereceu a seguinte observação de Agostini: "É muito natural, apesar de um pouco seco na execução. Boa correção do desenho. Vê-se que a menina apanhou um pito. Também mereceria um o Sr. Amoedo por não ter pintado essa figura inteira" (AGOSTINI, 1884).

No número seguinte da *Revista Ilustrada* (393), o caricaturista daria continuidade nas páginas centrais (4 e 5) da folha às caricaturas de trabalhos apresentados na exposição de 1884. Dessa vez, dezoito quadros foram mencionados por ele, dentre os quais obras de pintores aqui já citados, como Pedro Américo, Rodolfo Amoedo, Thomas Driendl e Victor Meireles, bem como de outros artistas que mostraram trabalho na citada exposição: Abigail de Andrade, Domingos Vasquez, Jorge Grimm, Weingartner etc.

Sobre quadros apresentados por Abigail, artista que viria a ser sua discípula, amante e, posteriormente, sua companheira, escreveu Ângelo Agostini:

> Abigail de Andrade, nº 1, "O cesto das compras". Esta Exma S^{ra} conseguiu, pela perfeição de seus trabalhos, em número de 14, chamar a atenção do público e de toda a imprensa que lhe teceu os maiores louvores. Escusado é dizer que não faremos exceção a tão merecidos encômios à jovem e distintíssima artista. (AGOSTINI, 1884)

Tais palavras levam-nos a crer que o talento da jovem fascinara o desenhista já há muito consagrado pelo público. Posteriormente, em outubro 1888, o caricaturista viajaria com

ela para a França: já casado e envolvido em um caso amoroso com a jovem pintora, vivendo sobre forte preconceito da sociedade fluminense, o caricaturista refugia-se com Abigail e com a pequena Ângela Agostini, fruto do relacionamento do casal na capital francesa, só regressando de lá após o falecimento da companheira.

Importa mencionar que, devido ao envolvimento do caricaturista com Abigail, as belas-artes perderiam uma artista promissora, tendo em vista que, após a relação amorosa ter sido confirmada, da produção artística da pintora nada se sabe.

O sexto salão caricatural, último realizado por Ângelo Agostini para ser publicado na *Revista Ilustrada*, foi impresso na edição de número 397, que saiu em 13 de dezembro de 1884. Neste, tece novamente elogios a trabalhos de Abigail: "Abigail de Andrade. 'Venus de Nilo' e mais quatro desenhos de gesso. São os melhores trabalhos que até hoje se tem visto na academia" (AGOSTINI, 1884).

Destaca-se, entretanto, que os elogios do caricaturista aos trabalhos da jovem pintora foram merecidos. Abigail foi, segundo já citado em nota de rodapé inserida neste texto, a única mulher a ser premiada com medalha de ouro por trabalhos expostos no Salão Imperial em 1884.

Além da, até então, praticamente desconhecida Abigail, receberam medalha de ouro por trabalhos mostrados na exposição artistas de renome, como Johann Georg Grimm (1846-1887), Giovanni Batista Felice Castagneto (1851-1900) e Thomas Driendl (1846-1887). Nenhum destes foi citado no sexto e último salão de caricatura realizado por Ângelo Agostini e impresso no número 397 da folha.

A exposição da Academia Imperial de Belas-Artes de 1884 foi a última grande exposição realizada durante o segundo Império, e os salões caricaturais de tal exposição, assim como os salões das exposições anteriores elaborados pelo artista ítalo-brasileiro e publicados na *Revista Ilustrada*, são considerados um marco para a história da cultura artística no Brasil.

Do mesmo modo, a própria *Revista Ilustrada* é considerada órgão de destaque entre a imprensa caricatural de seu tempo. Repositório de pensamentos e teses liberais, defendeu a emancipação dos escravizados, a proclamação da República e o incentivo ao desenvolvimento do setor industrial. Nela, além dos salões caricaturais aqui apresentados, encontramos editoriais e informativos de redação, biografias, charges, retratos, crônicas literárias e de cotidiano, crônica sobre peças, autores e atores da época etc., que nos auxiliam a desvendar os

entremeios de suas edições e, principalmente, de nossa história, seja esta política, cultural, literária ou artística.

Com a partida de Ângelo Agostini para a França, a folha passa a ser dirigida pelo desenhista e caricaturista Antônio Bernardes Pereira Neto, que, após a Proclamação da República, desenvolve ampla campanha em prol do sistema recém-implantado, criticando os ataques desferidos contra o novo sistema e procurando mostrar ao seu público que não erraria ao criticar a união de republicanos sérios com os de última hora, incapazes de auxiliar e apoiar o novo governo.

Ao assumir a defesa do novo regime e, principalmente, por não haver mais a necessidade do mesmo empenho crítico por parte da folha, tendo em vista que após a o fim da escravatura e a Proclamação da República, as condições sociais, políticas e religiosa do país já não necessitavam de grandes transformações, a *Revista Ilustrada* perde seu espírito de combatividade e a cumplicidade com o público leitor, desaparecendo definitivamente a partir de agosto de 1898.

ÂNGELO AGOSTINI AND THE CARICATURE ROOMS PUBLISHED IN *REVISTA ILUSTRADA* (1876-1898)

ABSTRACT: The italian Ângelo Agostini, who later became a brazillian citizen, comes to Brazil in 1859 e here makes a career as one of our first cartunists and also becomes the most important graphic artist during the Second Kingdom (1840-1889). In São Paulo launches *Diabo Coxo* journals (1864-1865) and *Cabrião* (1866-1867); in Rio de Janeiro publishes *Nhô-Quim*, or *Impressões de uma Viagem a Corte* (1869), considered the first Brazilian comic book in history and one of the oldest in the world, which was printed in *Vida Fluminense* magazine (1868-1875), publication which would be the first Caricature Room elaborated by the Italian-Brazilian artist. The subsequent Caricature Rooms created by Agostini were published in *Revista Ilustrada* ("Illustrated Magazine"), launched by himself in january, 1876. Our objective, in this context, is to reflect about such rooms, particularly, the latest printed, searching to point out to the reader Ângelo Agostini's criticism proposal, as well as to present artists and works, which highlighted exhibitions performed in Brazil during the second half of the century.

KEYWORDS: Ângelo Agostini. Caricature Rooms. *Revista Ilustrada*.

REFERÊNCIAS

AGOSTINI, Ângelo. O Salão de 1884 – 1ª. *Revista Ilustrada.* Publicação semanal, literária e ilustrada. Rio de Janeiro: Tipografia Hildebrandt. v. IX, n. 389, p. 4-5, agos., 1884.

_____. O Salão de 1884 – 2ª. *Revista Ilustrada.* Publicação semanal, literária e ilustrada. Rio de Janeiro: Tipografia Hildebrandt. v. IX, n. 390, p. 4-5, set., 1884.

_____. O Salão de 1884 – 3ª. *Revista Ilustrada.* Publicação semanal, literária e ilustrada. Rio de Janeiro: Tipografia Hildebrandt. v. IX, n. 391, p. 4-5, set., 1884.

_____. O Salão de 1884 – 4ª. *Revista Ilustrada.* Publicação semanal, literária e ilustrada. Rio de Janeiro: Tipografia Hildebrandt. v. IX, n. 392, p. 4-5, out., 1884.

_____. O Salão de 1884 – 5ª. *Revista Ilustrada.* Publicação semanal, literária e ilustrada. Rio de Janeiro: Tipografia Hildebrandt. v. IX, n. 393, p. 4-5, out., 1884.

_____. O Salão de 1884 – 6ª. *Revista Ilustrada.* Publicação semanal, literária e ilustrada. Rio de Janeiro: Tipografia Hildebrandt. v. IX, n. 397, p. 4-5, dez., 1884..

DANTAS JUNIOR, José Ribeiro. Crônica: "Rio, 10 de maio de 1879". *Revista Ilustrada.* Publicação semanal, literária e ilustrada. Rio de Janeiro: Tipografia Hildebrandt. v. IV, n. 160, p. 2, maio, 1879.

REVISTA ILUSTRADA. Publicação semanal, literária e ilustrada dirigida por Ângelo Agostini. Rio de Janeiro: Tipografia de Paulo Hildebrandt. jan. de 1876 – fev. de 1898.